



VILA-MATAS, Enrique. **Bartleby e companhia**. Tradução de Maria Carolina de Araújo e Josely Vianna Baptista. São Paulo: Cosac & Naif, 2000.

ESQUECIDOS OU NÃO ESCRITOS: UMA INTERPRETAÇÃO SOBRE OS BARTLEBYS

Ariel Elias do Nascimento¹
Universidade Federal do Tocantins
(ariel@uft.edu.br)

Pretende-se com este texto apresentar excertos críticos provocados pela leitura da obra *Bartleby e companhia*, escrita por Enrique Vila-Matas no ano de 2010. Este é um dentre os mais de quarenta títulos publicados pelo autor que tem, em sua fortuna crítica, obras que navegam pelo ensaio, pela novela e pela crônica. Sua abordagem literária bem como as nuances reveladas pela sua escrita, renderam ao escritor mais de vinte prêmios nacionais e internacionais. Para subsidiar esta análise, utilizaremos as ideias de Reinaldo Marques (2007), Jacques Derrida (2001) e Eneida Souza (2008).

1.

“A glória ou o mérito de certos homens consiste em escrever bem; o de outros consiste em não escrever”. É com esta epígrafe, extraída do ensaísta francês Jean de La Bruyère, que Vila-Matas inicia sua obra. (VILA-MATAS, 2000, p. 5)

Jean de La Bruyère (1645-1696), moralista francês, vivencia uma Europa que se faz moderna pelas descobertas tecnológicas e pelas conquistas políticas, econômicas, e sociais. Sua única obra foi escrita no ano de 1688, e se chama: *Personagens e costumes do século*.

Seria ele, La Bruyère, autor desta epígrafe, a dar o *start* para que Vila-Matas se debruçasse sobre outros escritores que também publicaram poucas obras. Contudo, Jean de La Bruyère não faz parte das notas das notas de Vila-Matas... ficou no esquecimento para além de uma epígrafe.

A narrativa do texto, ou deste não-texto, é singular em sua proposta: arrolar notas explicativas sobre autores que deixaram de publicar livros. Sobre autores que, abandonando a literatura, caíram no esquecimento... e Vila-Matas os recupera deste limbo.

Há, neste livro, triplamente premiado, um imenso exercício de copista. Talvez a palavra copista não seja adequada. Enrique Vila-Matas realiza uma profunda pesquisa sobre os escritores *bartleby*, e organiza esta pesquisa neste livro, rompe em sua forma de apresentar o texto, saindo do romance e da ficção e adentrando a seara da História. Embora não fosse sua intenção em fazer notas das

¹Mestre em História (UNICAMP) e Doutor em Estudos da Linguagem (UFMT). Professor do Curso de História da Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional.



notas, há uma carência das fontes consultadas, muito embora a crítica literária afirme serem verdadeiros os relatos apresentados por Vila-Matas.

2.

Por que este livro rompe com a forma? A singularidade desta obra está no fato de ser uma coleção de notas de rodapé. O narrador desta coleção assim informa aos seus leitores: “Escreverei notas de rodapé que comentarão um texto invisível, mas nem por isso inexistente, já que seria perfeitamente possível que esse texto fantasma acabasse ficando como que em suspenso na literatura do próximo milênio.” (VILA-MATAS, 2000, p. 7).

Vila-Matas pretende, com este livro resgatar, arquivar, reter, um coletivo de escritores que pararam de escrever no início de suas carreiras. Assim, através de notas numeradas, faz referências a um autor ou a vários autores, interligando-os conforme o tema da nota.

Esta forma de apresentar seu livro, Vila-Matas abre espaço para algumas indagações: Arquivam-se notas, mas onde está o texto? Ele deve acompanhar as notas? As notas de rodapé fazem parte do texto? Sua existência é desvinculada do texto? O que é mais importante, o texto ou a nota?

Embora o narrador deixe claro que as notas acompanham um texto invisível, mas não inexistente, cabe ao leitor, então, torná-lo visível? Ora, esta apreensão do texto torna o leitor cúmplice dos fatos e, logo, será o responsável em organizar o arquivo deste texto invisível; o leitor será, assim, o vínculo direto entre os *bartlebys* e a história a ser pesquisada, descrita, arquivada.

Neste ponto é possível trazer Derrida (2001) para dialogar com Vila-Matas (2000).

Este texto de Vila-Matas se aproxima das análises estabelecidas por Jacques Derrida quando este se debruça sobre escritos de Freud e Yerushalmi. Esta aproximação está presente no ato de recuperar o fato fundante da história, seja ele na pulsão de morte (Freud / Yerushalmi) ou na morte da força de potência de se escrever (*bartlebys*/Vila-Matas). Assim, há na narrativa de Enrique Vila-Matas uma procura incessante sobre a busca da verdade, uma verdade histórica / material que justifique o ofuscamento dos escritores *bartlebys*. Tal qual Derrida, que buscará em seu *Mal de arquivo* estabelecer um elo entre a verdade histórica e a verdade material dos fatos narrados nas obras de Freud e Yerushalmi.

Ambos, Derrida e Vila-Matas, constroem o arquivo como lugar da lei, da ordem, da verdade, da história (topológico / nomológico). Reinaldo Marques esclarece que:

No caso dos arquivos literários, cabe destacar, quanto ao aspecto topológico, uma operação de localização, de domiciliação, em que a casa, a morada do escritor torna-se o depósito/suporte de seu arquivo. Em relação ao segundo aspecto, o nomológico, remete à forma como o escritor ordena, organiza o seu arquivo, revelando uma intencionalidade, garantindo certa autoridade hermenêutica. (MARQUES, 2007, p. 19)



Por outro lado, o destreio, com o mal de arquivo, onde o poder do esquecimento se faz presente na própria força motriz da história. No caso da pulsão da morte, esquecer ou forçar o esquecimento de uma sociedade forjada no signo de ter matado seu pai fundador. No caso dos *bartlebys*, o ficar no limbo do esquecimento dos escritores de uma obra, é promovido pela dialética vida / morte, Id / Ego (DERRIDA, 2001; FREUD, 1997).

3.

Bartleby e companhia é um catálogo onde se arquivam notas das notas. Notas sobre livros e notas sobre escritores. Nota = anotar, colocar em sequência um determinado conjunto de informações, separadas por áreas ou temas. A-notar para não esquecer. Entretanto, quando se a-nota, esquece-se do texto, perde-se o texto. Chegamos no contexto. Será o contexto, o texto invisível? Com-texto. Contextual. Todo o texto é uma narrativa relativa ao seu contexto = autores que deixaram de escrever; e sua entrada no livro remete a um arquivo, uma biblioteca, com fichas numeradas que nos levam aos assuntos, temas, locais onde as informações estão, são e serão colocadas, num movimento ininterrupto.

4.

O arquivo implica uma relação de forças. No caso em destaque, esta relação, sugere Vila-Matas, que contribua para a produção literária a ser escrita num futuro não muito distante “Apenas da pulsão negativa, apenas do labirinto do Não pode surgir a escrita por vir” (VILA-MATAS, 2000, p. 7).

Reinaldo Marques, ao se debruçar sobre as obras de Michel Foucault, nos auxilia neste discurso de relações de força. Segundo ele:

O arquivo é atravessado pelo jogo do poder. E o poder, para Foucault, é eminentemente relacional: supõe forças em relação, tensionadas pelo conflito. De sorte que a memória se constitui como um campo de lutas políticas, em que se confrontam diferentes relatos da história, visando ao controle do arquivo. Pensar o arquivo demanda, pois, uma atenta consideração das operações da memória e do esquecimento, de suas interconexões. (MARQUES, 2007, p. 13-14)

Qual é esta relação de força? *Bartleby e companhia* nos apresenta as relações de força em alguns antagonismos, dentre eles: escrever / não escrever; esquecer / lembrar.

Escrever / não escrever - torna-se a marca do texto, uma vez que a proposta deste livro é ir em busca de autores que publicaram um, dois livros e nunca mais publicaram. Assim, há uma tensão entre o escrever e, com isso, fazer parte, talvez, dos cânones literários; ou não escrever e tornar-se uma pessoa deslocada dentre os escritores.

Esquecer / lembrar - esta relação de força implica outro olhar, o olhar de não deixar cair no esquecimento do passado; e aqui cabem algumas questões: todo passado é retido em nossa memória, ou retemos apenas fragmentos dele? Neste caso, quais fragmentos? Rapidamente percebemos que guardamos momentos



bons, os momentos ruins queremos esquecer. A proposta de Enrique Vila-Matas é recuperar os momentos ruins dos autores *bartlebys*, recuperando suas histórias e, assim, demonstrando os motivos pelos quais estes autores deixaram de publicar seus livros.

Estas duas relações de força fazem parte da constituição de um arquivo, pois ali se guarda, arquiva, através de fontes verificáveis, um passado já posto. Na perspectiva de Marques: “ao final dessas incursões em arquivos, resultam escritos os romances, que parecem denunciar a miragem do acesso a uma origem primeira dos acontecimentos, os limites da busca de objetividade e certeza histórica” (MARQUES, 2018, p. 455).

Esta é, enfim, a proposta de Vila-Matas, chegar na origem dos acontecimentos *bartleby*. Aqui vai uma última reflexão na relação *Bartleby e companhia* e arquivo: qual o critério utilizado para a inserção das notas? Importância, prestígio, cronologia, a falta de um índice onomástico dificulta uma rápida busca pelo livro. Talvez esta seja a interferência do leitor / pesquisador / arquivista; criar as referências que justifiquem os *bartlebys* no texto do Vila-Mata.

5.

Pensando por outra perspectiva, *Bartleby e companhia* é um conjunto de biografias começadas, esperando que novos pesquisadores se debrucem sobre este material para prosseguir nas vidas de cada *bartleby*. Neste sentido, o próprio espaço de trabalho de Enrique Vila-Matas, é um espaço de poder (topológico / nomológico), pois nele se constitui a seleção do que entra e o que sai para compor este arquivo *bartleby*.

Eneida Maria de Souza, em belíssimo ensaio, nos apresenta aspectos de como é este espaço topológico / nomológico de escritores, e como este espaço heterotópico é necessário para o processo criativo dos escritores. Há uma organização própria de cada escritor e esta organização mostra não apenas aspectos de sua criação, como torna ele mesmo objeto de pesquisa biográfica. A citação é longa, mas instigante:

É digno de nota o rico material existente nos acervos dos escritores, como a correspondência entre colegas, depoimentos, iconografias, entrevistas, documentos de natureza privada, assim como a sua biblioteca, cultivada durante anos. Um esboço de biografia intelectual emana desses papéis, quando são incorporados, ao texto em processo, a cronologia dos autores, o encarte de fotos, a reprodução de documentos relativos à sua experiência literária, assim como a revisão da bibliografia sobre os titulares das coleções. As pesquisas respondem por sua originalidade, uma vez que o objeto de estudo é construído no decorrer do arranjo dos arquivos, da surpresa vivenciada a cada passo do trabalho. A elaboração de perfis biográficos deve contemplar não só o que se refere à obra publicada do autor, mas também os objetos pessoais, imprescindíveis para a recomposição de ambientes de trabalho, de hábitos cotidianos e processos particulares de escrita. Objetos muitas vezes triviais, mas pertencentes ao cotidiano de todo escritor, adquirem vida própria ao serem incorporados à sua biografia: mesa de trabalho, máquina de escrever, canetas, agendas,



porta-retratos, objetos decorativos, cadernos de anotações, papéis soltos, recibos de compra, diários de viagem, e assim por diante. As condecorações e diplomas servem ainda de registro quanto à participação do titular na vida pública. Não devem, portanto, ser negligenciados como objetos desprovidos de valor. Compõem, com as obras de arte ou as edições de luxo, espaço de trabalho e de intimidade do escritor. (SOUZA, 2008, p. 123)

Neste sentido, *Bartleby e companhia* é, por assim dizer, um arquivo em constante processo de formação, onde Enrique Vila-Matas, ao deixar o arquivo aberto, demonstra as possibilidades de uso deste material por ele coletado, organizado e exposto nesta obra. Por outro lado, esta obra também deixa claro o farto material de pesquisa utilizado pelo escritor para organizar este livro, tornando ele mesmo, seu escritório e suas correspondências, fruto de futuras pesquisas para àqueles que desejam realizar biografias de escritores renomados como Enrique Vila-Matas, pois este, ao contrário de suas notas de rodapé, ele não é um *bartleby*.

6.

Este livro inverte a fórmula ao estabelecer como critério primevo as notas, possuindo assim uma ausência completa de texto. Mas isto não significa que o texto / notas de rodapé estejam isentas de também conter notas, como se percebe no rodapé 50. Contudo, ao observar com maior acuidade, verifica-se que esta nota foi inserida pelo tradutor do livro; este fato nos abre caminhos para outra discussão, a intervenção da Tradução. O verbo traduzir tem sua origem no latim, *conduco*, que tem por definição 'conduzir além'. Quem conduzirá? Vila-Matas sobre os *bartlebys*? Maria Carolina de Araújo Josely Vianna Baptista (tradutores da obra) sobre conceitos? Este ato de 'conduzir além' explicita uma relação de força entre autor e tradutor. É o autor Vila-Matas, ou seus tradutores? Não adentremos neste embate; contudo, esta discussão nos traz elementos da Tradução, Intervenção, Leituras, Chaves de Elucidação, Poder, sobre o texto.

7.

Reinaldo Marques esclarece que:

Têm-se assim romances que [...], desvelam uma relação mais propriamente de complementaridade entre realidade e ficção, entre fato e imaginação, ao percorrer vias alternativas para se contornarem os impasses entre narração e experiência, arte e vida instaurados pela modernidade”(MARQUES, 2018, p. 466).

Concluindo, talvez seja este o objetivo do *Bartleby e companhia*, deixar o arquivo entreaberto, causando no leitor uma ânsia de busca pela verdade, pela fonte, pelo documento primevo. Mesmo sabendo que todas as respostas estão neste livro, ainda fica a dúvida de saber se este arquivo está cheio ou vazio; se nele existem referências sobre o passado, ou está esperando que novos *bartlebys* ocupem as estantes vazias da memória histórica.



Referências

BIRMAN, J. Arquivo e Mal de Arquivo: uma leitura de Derrida sobre Freud. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 105-128, junho 2008. ISSN 1517-2430. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v10n1/v10n1a05.pdf>>. Acesso em: 10 fevereiro 2021.

DERRIDA, J. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relime Dumará, 2001.

FREUD, S. **O Ego, o Id e outros trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. (Obras Completas, vol. XIX).

MARQUES, R. O arquivo literário como figura epistemológica. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 21, p. 13-23, jul./dez. 2007. ISSN 1414-7165. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca21/arqs/matraca21a01.pdf>>. Acesso em: 10 janeiro 2021.

MARQUES, R. Ficções de arquivo: o literário como figura epistemológica. In: COELHO, H. R.; VIEIRA, E. A. **Modos de arquivo**: literatura, crítica, cultura. Rio de Janeiro: Batel, 2008.

SOUZA, E. M. D. A biografia, um bem de arquivo. **Alea: Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 121-129, janeiro / junho 2008. ISSN 1807-0299. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-106X2008000100009>>. Acesso em: 10 fevereiro 2021.

VILA-MATAS, E. **Bartleby e companhia**. Tradução de Maria Carolina de Araújo e Josely Vianna Baptista. São Paulo: Cosac & Naif, 2000.

Recebido em: 09/02/2021
Aprovado em: 26/02/2021